

çou, a esse tempo, a escrever os seus primeiros poemas e contos, cuja publicação, no jornalzinho *José*, era feita por iniciativa do poeta Antônio Girão Barroso. Tornou-se profissional da imprensa em 1946, como redator-chefe de *O Estado*, de que era superintendente Cláudio Martins e diretor Fran Martins. Trabalhou na *Tribuna do Ceará* e na *Gazeta de Notícias*, de que foi diretor. Desenvolveu, ainda, atividades na *Folha do Povo* e no *Diário do Povo*. Fundou e dirigiu, com Egberto Guihlon, o tablóide *Sete Dias*, a primeira experiência de jornal a cores no Ceará. Tem exercido alguns cargos públicos e, atualmente, trabalha no Gabinete do Reitor da UFC, ao mesmo passo que integra a equipe de Assessoria do Prefeito Municipal de Fortaleza. Publicou: *Barra da Solidão*, 1964; *Os Amigos do Governador* (novelas), 1965, de uma tetralogia que inclui também *Uma Estrela na Manhã* e *O Manifesto de Agosto*. Alguns de seus poemas figuram na *Antologia de Poetas Cearenses Contemporâneos* (1965), da UFC. Suas novelas serviram de tema ao livro de F. S. Nascimento, *A Estrutura Desmontada*.

28

PATRONO

MÁRIO DA SILVEIRA. Nascido em Fortaleza, a 17 de setembro de 1899. Foram seus genitores Raimundo Silveira Gomes e Teodolinda Matos da Silveira. Fez os estudos escolares no Colégio N. S^a do Carmo, de Maria Clara de Sousa Marques, e no Instituto de Humanidades, do prof. Joaquim Nogueira. Tendo sido o pai transferido, como Juiz, para Lavras da Mangabeira, acompanhou-o o filho, que ali produziu os primeiros versos. Voltando a Fortaleza, rumou para o Rio de Janeiro, em cuja imprensa trabalhou, auxiliando João do Rio na direção d'*A Pátria*. Novamente no Ceará, não lhe permitiu a displicência, ante os imperativos da luta pela vida, se libertasse nunca das aperturas financeiras, o que o atormen-

tava e mais o arrastava à inquietação dos seus anseios tipicamente baudelairianos. Dominava-o, realmente, “preocupação intensa e quase mórbida por tudo o que excede os limites da vulgaridade” — expressão, esta, de Antônio Sales, que também escreveu: “Pagando, porém, tributo à sentimentalidade da raça, ele conservava uma ingenuidade de criança e uma afetividade de moça, e é desse subconsciente moral que lhe vinham as notas líricas do seu estro, onde o pensamento filosófico se alia tão estreitamente aos sentimentos passionais”. Apesar da sua pobreza de dinheiro, conseguia adquirir livros e apercebe-se de apreciável cultura clássica, que o seu prematuro desaparecimento não deixaria se definisse em orientação mais segura, menos amorfa. Com efeito, antes de completar os 23 anos de idade, tombou assassinado em pleno coração da cidade — a Praça do Ferreira, à noite de 22 de junho de 1921. A sua morte assim trágica alvoroçou a emocional solidariedade dos seus amigos intelectuais, que reuniram no livro *Coroa de Rosas e de Espinhos*, 1922, algumas das suas poesias, porquanto a maior parte delas ele não as conservava senão na memória, e fizeram-no Patrono desta Academia Cearense de Letras, quando da reconstituição desta, no ano seguinte ao do seu falecimento. Deixou publicada a bela conferência — *A Eterna Emotividade Helênica*, 1919.

1º OCUPANTE

JÚLIO Barbosa MACIEL. Nasceu em Baturité, no dia 28 de abril de 1888. Filho de Raimundo Ferreira Maciel e Emília Barbosa Maciel. Fez os primeiros estudos em Fortaleza, no Colégio Colombo e no Liceu do Ceará. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Foi Promotor Público de Senador Pompeu, Quixeramobim, Baturité e Crato; Juiz Municipal de Caririçu e Cedro; Juiz de Direito de Assaré, Icó, Russas e Granja. Versejador de delicada imaginação lírica, às vezes um tanto triste, de estilo de graciosa naturalidade e de forma legitimamente parnasiana. Dir-se-ia um distanciado do espírito febricitante do século atual, como que permanecendo,